

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

O COMPLEXO DA MÃE-MORTA E OS CAMINHOS DA AGRESSIVIDADE DA CRIANÇA

Fernanda Gutierrez Tormena (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Izadora de Andrade Oliveira Marques (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Hélio Honda (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: fernandag.t@outlook.com

izaoliveira@hotmail.com

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil. Pulsão de morte. Depressão materna. Mãe-morta.

De acordo com Melanie Klein (apud SEGAL, 1975), o ser humano nasce com um potencial inato para o desenvolvimento, porém o papel do cuidador é indispensável para este processo. Ou seja, o ego inicial, apesar de desorganizado, possui uma tendência à integração, mas devido a uma grande fragilidade psicobiológica, o recém nascido é totalmente dependente da sua cuidadora. Dessa forma, por conta de seu desamparo originário, um bebê não pode existir sozinho, é imprescindível a presença de alguém que exerça a função da mãe e que propicie um ambiente adequado para que ele possa evoluir e desenvolver seu potencial de amadurecimento (COUTINHO, 1997 apud SOUZA, 2011).

Freud (2010c) teorizou acerca do desenvolvimento infantil no que diz respeito às instâncias psíquicas e às pulsões operantes na criança desde seu nascimento até a vida adulta. Basicamente, o aparelho psíquico de um indivíduo é formado por três instâncias: o Id, o Ego e o Superego. Para este trabalho atentamo-nos ao Id, primitivo, “irreconhecido e inconsciente” (FREUD, 2010c, p. 21), que constitui o reservatório de energia psíquica onde localizam-se as pulsões de vida e morte. Isto porque o autor considera o recém-nascido uma massa de pulsões e instintos que necessita satisfação imediata, desprovido do senso de responsabilidade pelas conseqüências. Satisfação, esta, que remete ao alívio da energia pulsional acumulada, logo, da tensão, do desprazer. No caso, o funcionamento primário do aparelho psíquico se dirige para manter o mais baixa possível essa quantidade de excitação nele existente, ou ao menos constante. Ou seja, ao nascer, poder-se-ia dizer que o indivíduo é como um puro Id.

As maiores fontes de excitação interior são os impulsos instintuais, também chamados de pulsões. Em suma, têm-se duas espécies de pulsões: as sexuais, que sempre buscam e efetuam a renovação da vida, e aquelas que pretendem conduzir a vida à morte (FREUD,

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

2010b).

Para este trabalho focamos na segunda espécie, isto é, na pulsão de morte, visto que nosso objetivo era identificar quais os caminhos tomados pela agressividade da criança acolhida por uma mãe em estado depressivo, considerando fundamental o papel da mesma para a constituição psíquica do seu filho e para o direcionamento de suas pulsões. Para isto, fizemos um levantamento bibliográfico, seguido da análise de obras de grandes autores da psicanálise, como: Freud, Ferenczi, Melanie Klein, Winnicott e André Green, além de materiais já elaborados, como livros e artigos.

Freud considera, então, que a meta da pulsão de morte é levar a vida de volta ao inorgânico, agindo em função de reduzir, manter constante ou até mesmo remover a tensão proveniente dos estímulos internos que se expressam através do princípio do prazer. Para Ferenczi o que o organismo busca é o retorno a etapas anteriores. O autor aponta também que tal pulsão prevalece em seres menos evoluídos, ou seja, quanto maior a distância entre o indivíduo e seu estado inorgânico, mais dificilmente a destrutividade atingirá seu fim completo (a morte). Dessa forma, os bebês são tomados preponderantemente pelas pulsões de morte (BISSOLI, 2008), já que estão mais próximos desse estado de não-ser assim como os seres menos evoluídos.

Em seu artigo *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* de 1984, Ferenczi defende que o crescimento e o desenvolvimento infantil só são possíveis a partir de condições favoráveis de cuidado e ternura. Caso contrário, imperam as forças de destruição da pulsão de morte, de forma que o sujeito pode vir a ter vontade de morrer, logo, tentar o suicídio, e a se tornar uma pessoa pessimista e cética. Isto porque, segundo o autor, para o sujeito se amar deve, simultaneamente, amar o outro, uma vez que tal amor só é possível após a introjeção do objeto em si, no caso a mãe. Quando, então, o bebê se depara com uma mãe que não o deseja e nem lhe dá carinho, é possível que o deslocamento do interesse auto-erótico para o objeto não ocorra, logo, prejudica o mecanismo de incorporação desse objeto e, conseqüentemente, a capacidade de amar o outro e a si mesmo.

Desta forma, o processo de constituição egoica desse indivíduo fica prejudicado, visto que depende grande parte da introjeção do objeto, assim como os processos internos que levam ao abandono do sentimento inicial de onipotência para se alcançar o reconhecimento da realidade, possível por meio da fusão pulsional. Com a fusão, ambas as pulsões se

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

neutralizam, porém, do contrário, tanto a pulsão de vida quanto a de morte se encontram livres, podendo a segunda levar a autodestrutividade.

Dada a importância dos cuidados maternos para a constituição psíquica da criança bem como o direcionamento apropriado de suas pulsões, é pertinente destacar que não existe conduta universal por parte da mãe na relação entre ela e seu filho, tendo em vista a multiplicidade de traquejos femininos existentes, as diferentes culturas, ambições ou frustrações da mesma. A Psicanálise assume, então, a existência dessas diferentes configurações de maternagem, porém em todas elas os cuidados maternos são considerados essenciais e insubstituíveis. Para tentar atingir o objetivo deste trabalho, centramos nossa discussão em torno da depressão em seu viés psicanalítico, relacionando-a com a melancolia postulada por Freud (2010a), e seus efeitos sobre a maternagem.

Diversos autores teorizam a respeito da mãe em seu estado depressivo e das conseqüências que isto pode gerar tanto para ela quanto para seu bebê. O psicanalista francês André Green dissertou a respeito desta configuração materna fazendo uso da expressão metafórica complexo da mãe morta para referir-se à imago da mãe distante e quase que inanimada que se constitui na psique da criança, devido à sua falta de vitalidade decorrente do estado depressivo que a transforma em uma figura distante, átona; a metáfora se dá pelo fato de a mãe não ter falecido realmente, mas que se formou desta um vazio. Segundo ele, esta conjuntura dificulta o processo de diferenciação – o apagamento do objeto primário e sua internalização como estrutura psíquica – configurando um espaço psíquico diferenciado. Articulamos, então, este acolhimento não adequado exposto por Green com as ideias de Ferenczi sobre os efeitos da pulsão morte na criança mal acolhida, além de sua teoria no que se refere à condição para haver amor entre indivíduos.

A diminuição do interesse no filho por parte da mãe é vivida pela criança como uma catástrofe, uma vez que não se dispõe de recursos para entender o que ocorrera. Esta ausência materna constitui uma lacuna na trama das relações objetais da criança, que coloca em ação uma série de defesas contra a angústia que se instaura (GREEN, 1988). Green aponta o desinvestimento afetivo e representativo do objeto materno como a primeira forma de defesa do bebê mal acolhido. Por conta disso, a identificação com a mãe morta ocorre segundo um modo primitivo, alienante e inconsciente: não podendo mais ter o objeto, continua a possuí-lo tornando-se ele próprio. Neste caso, o deslocamento exposto por Ferenczi do interesse auto-

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

erótico para o objeto, como condição para haver amor, é provável que não ocorra – visto que tal deslocamento é possibilitado a partir da identificação do sujeito com o objeto.

Levando em consideração que o bebê está mais próximo da inanimação do que os adultos, a falta de condições favoráveis de proteção da criança não permite a elaboração de barreiras suficientes para interceptar sua pulsão de morte. Diante disso, pressupomos que o desencadeamento de um sentimento de ódio na criança pode despertar seus impulsos de destruição, motivando atentados físicos e psíquicos contra si mesmo – a agressividade, aqui, direcionada ao próprio indivíduo. Perante uma relação objetal (amorosa ou profissional) futura, é possível que esta agressividade também se manifeste contra si e/ou contra o objeto de sua relação, dada a dificuldade do sujeito em estabelecer relações objetais e em amar ao outro e a si mesmo.

Outro lance apontado por Green da criança mal acolhida diz respeito à instalação de uma excitação autoerótica pela procura de um prazer sensual puro – há uma dissociação entre sensualidade e ternura, assim como o bloqueio do amor; o objeto é buscado apenas pela sua capacidade de satisfazer uma ou várias zonas erógenas. Assim, uma hipótese a ser verificada é com relação à possibilidade deste sujeito apresentar, futuramente, desvios de ordem sexual em suas relações objetais amorosas. O autor salienta, também, que o lactente pretende superar a angústia da perda mascarando a lacuna decorrente do desinvestimento sofrido, o que provoca um desenvolvimento precoce da imaginação e pensamento. Dada a latente pulsão de morte na criança, poderíamos supor que estes pensamentos podem apresentar caráter de desconfiança, pessimismo, autodestruição, agressividade e depressão.

Como resultado de uma constituição egoica prejudicada, as pulsões de vida e de morte encontram-se livres podendo, a última, levar à autodestrutividade. Posto que ele não dispusesse dos investimentos necessários para o estabelecimento de uma relação objetal durável, nem para um engajamento que exige gradualmente a preocupação com o outro, o indivíduo permaneceria vulnerável no âmbito de sua vida amorosa. Frente a um analista, então, o sujeito não apresentaria queixas essencialmente depressivas, mas sim sintomas de conflitos com seus objetos próximos como o fracasso de uma vida amorosa ou profissional. Diante do exposto, acrescenta-se a possibilidade de se notar no indivíduo um infantilismo emocional, uma nostalgia – entretanto dissimulada, visto que as reparações psíquicas elencadas anteriormente ocorrem de modo primitivo e alienante, além do precoce

VI SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

26 a 27 de Janeiro de 2017

desenvolvimento das capacidades fantasmáticas e intelectuais. Este indivíduo poderia apresentar, em acréscimo, certo pessimismo e desgosto pela vida.

Referências

BISSOLI, S. S. P. **Uma discussão do conceito de pulsão de morte a partir das contribuições de Freud e Ferenczi**. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2008.

FERENCZI, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In: **Obras Completas, Psicanálise, Volume IV**. ed. Madri: Espasa-Calpe S.A., 1984. Disponível em: <<http://www.passeidireto.com/arquivo/17533431/05---ferenczi-sandor---a-crianca-mal-recebida-e-sua-pulsao-de-morte/1>> Acesso em: 04 ago. 2016.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: **Obras completas volume 12** [1914-1916]. São Paulo: Companhia das letras, 2010a.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: **Obras completas volume 14** [1917-1920]. São Paulo: Companhia das letras, 2010b.

FREUD, S. O Eu e o Id. In: **Obras completas volume 14** [1923-1925]. São Paulo: Companhia das letras, 2010c.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Editora Escuta, 1988.

SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

SOUZA, E. J. C. **Entre o lar e a creche: observação de um bebê através do método Bick**. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.